



# *Os garotos da praia*

'Pet Sounds', a obra-prima dos Beach Boys e um marco do rock dos anos 1960, tem seus 60 anos celebrados com o lançamento de edições especiais em vinil. Página 2



Divulgação



Os Beach Boys foram formados em 1961, em Hawthorne, Califórnia, com uma formação clássica composta pelos irmãos Brian, Dennis e Carl Wilson, seu primo Mike Love e o amigo Al Jardine.

# O grupo que se inspirou e (também) inspirou os Beatles

Divulgação



'Pet Sounds' figura entre os maiores álbuns da história do rock

Sessenta anos depois de seu lançamento, o inovador 'Pet Sounds' segue como um dos mais importantes álbuns da história do rock

AFFONSO NUNES

**Q**uando os Beach Boys lançaram "Pet Sounds" em 16 de maio de 1966, a música pop passava por um momento-chave. Naquele momento, a banda californiana não era apenas rival dos Beatles no mercado americano — em muitos casos, inclusive os superava. Antes da invasão britânica, os Beach Boys eram o grupo número 1 em vendas e popularidade nos Estados Unidos. Sessenta anos depois, esse álbum continua relevante, tendo inspirado não apenas os Beatles a repensar sua própria música, mas gerações

inteiras de artistas que o reconhecem como um ponto de virada na cena musical.

A banda foi criada em 1961 e inicialmente se chamava de "The Pendletones", misturou rock and roll com harmonias vocais, criando um "som da Califórnia" icônico, totalmente identificado com a cultura do surf. Sua formação

original reunia os irmãos Brian (vocal, baixo, teclado, e compositor), Carl (guitarra e vocal), e Dennis Wilson (bateria e vocal), o primo Mike Love (vocal e letras) e o amigo Al Jardine (guitarra e vocal). Mas, curiosamente, Dennis era o único do grupo que pegava onda.

A rivalidade entre Beach Boys e Beatles nunca chegou a níveis extremos. Era uma disputa amigável e saudável, mas pode-se dizer que foi boa para os dois lados. Paul McCartney, em entrevista de 1990, revelou como "Pet Sounds" o impactou profundamente. "Foi 'Pet Sounds' que me tirou do chão. Primeiro de tudo, foi sim-

plesmente uma obra-prima". Paul admitiu que os Beatles admiravam as harmonias vocais altas e falsetes da banda californiana, mas foi apenas com "Pet Sounds" que compreendeu o alcance total da ambição criativa de Brian Wilson (1943-2025).

A questão é que os Beach Boys também se tinham os quatro rapazes de Liverpool como referência. "Rubber Soul' explodiu minha mente [...] Era um desafio para eu fazer algo similar. Aquilo me fez querer criar 'Pet Sounds'. Eu não queria mais fazer o mesmo tipo de música, mas no mesmo nível", contou Wilson à revista Paste em 2005.



# Três potências norddestinas

Cátia de França, Josyara e Juliana Linhares se apresentam em show gratuito que celebra os 50 anos da Funarte



Cátia de França construiu uma sólida carreira musical, mantendo-se à margem do mainstream



A baiana Josyara tem uma batida singular no violão



A potiguar Juliana Linhares tem forte presença cênica

AFFONSO NUNES

A Funarte encerra suas comemorações de 50 anos nesta terça-feira (31), às 18h, nos pilotis do Palácio Gustavo Capanema, com show gratuito que reúne três das vozes mais potentes da música nordestina: a paraibana Cátia de França, a baiana Josyara e a potiguar Juliana Linhares.

Há mais de cinco décadas, Cátia constrói uma obra que mistura ritmos, poesia e espiritualidade em diálogo constante com a tradição nordestina. Seu mais recente trabalho, “No Rastro de Catarina” (2024), integra o repertório da noite — um álbum que reafirma sua capacidade de tensionar passado e presente, mantendo a radicalidade que marca sua carreira. Mas o show não é apenas retrospectiva: Josyara e Juliana trazem seus próprios repertórios autorais.

Com batidac de violão só sua, Josyara trabalha na interseção entre tradição e experimentação, com uma sonoridade que dialoga com raízes profundas da música nordestina sem nunca se render a lugares comuns. Juliana segue caminho parecido. Compositora e intérprete de enorme sensibilidade, a artista tem forte presença cênica.

O espetáculo revela afinidades e contrastes entre as três, oferecendo ao público uma experiência afetiva que afirma e reafirma a identidade nordestina.

## SERVIÇO

50 ANOS DE FUNARTE - CÁTIA DE FRANÇA, JOSYARA E JULIANA LINHARES

Palácio Gustavo Capanema (Rua da Imprensa, 16, Centro)

31/3, às 18h

Entrada franca

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



### Ao vivo em estúdio

A cantora e compositora Linda Ramalho lançou seu primeiro registro ao vivo em formato digital e audiovisual. Gravado em estúdio com plateia íntima, o projeto reúne composições autorais e releituras de artistas como Pitty e Zé Ramalho. “A Pitty é das minhas maiores influências, conheço todas as músicas, todas as fases”, comenta Linda, destacando que o audiovisual “foi uma experiência desafiadora” e que “fizemos de primeira”. O repertório mistura rock com influências pop e hardcore, refletindo sua trajetória musical desde 2018.



### Intensidade e incerteza

O cantor e compositor Dreko apresenta “Como me Encontrar em Você”, single que antecipa seu álbum “Metamorfose”. A faixa explora as contradições do amor e a perda de si nas relações. “Você já sentiu que precisou se perder completamente em alguém pra finalmente conseguir se achar?”, questiona o artista. A música aborda intensidade e incerteza, onde a consciência dos riscos não impede a entrega. Dreko reflete: “Muitas vezes sobre saber que você não precisa viver certas coisas, mas você quer. Por mais que doa”.



### Canção de última hora

O cantor Gustavo Spínola lança “Hoje Não”, parceria com Celso Viáfóra que integra o EP “Do Acaso ao Cais”, que será lançado na próxima semana. O disco já estava gravado com nove faixas quando Celso ligou para o parceiro anunciando: “Aquela música que você me enviou está pronta!”. Ao ouvir, Gustavo decidiu imediatamente que a canção faria parte do álbum. A faixa retrata o último dia de um casal antes da separação, trazendo versos de despedida e resistência. A cantora Rafa Mariano participa em dueto com o artista.

# Maternidade e criação artística

Thais Grechi/Divulgação

Pesquisa sobre mulheres artistas vira espetáculo com final diferente em cada apresentação



Quando uma mulher artista se torna mãe, o que acontece com seu trabalho? A pergunta que move a pesquisa acadêmica de Julia Lindenberg agora ganha corpo no palco do Sesc Tijuca. “Ainda Vou Sonhar Tudo de Novo”, espetáculo que a atriz protagoniza com direção de Liliane Rovaris e propõe uma experiência cênica na qual cada apresentação tem

um segundo ato diferente, com uma atriz convidada que amplia o debate sobre maternidade a partir de vivências distintas.

A montagem parte de um dado concreto que atravessa o campo das artes. Muitas artistas já mantêm outra profissão para sustentar sua produção criativa. Quando a maternidade se soma a essa realidade, instala-se frequentemente uma tripla jornada de trabalho — cuidado, renda, criação — que impacta dire-

*Julia Lindenberg promove uma reflexão que mexe com a vida da mulher artista*

tamente a continuidade do trabalho artístico. Lindenberg investigou essa questão através de relatos autobiográficos, entrevistas com outras mulheres e referências de pensadoras feministas como Vera Iaconelli, Sílvia Federici, Lina Meruane e Virginia Woolf. O resultado é um trabalho que parte de uma experiência

peçoal para discutir uma questão estrutural e real no campo das artes.

Na cena, a protagonista é uma mulher de 41 anos que acredita estar grávida, mas não tem coragem de abrir o exame que confirmaria — ou não — a suspeita. No mesmo dia, despede-se da avó, que viveu 101 anos. Enquanto lida com o luto e as memórias familiares, surgem dois dilemas que atravessam sua vida: a possibilidade de uma nova maternidade e os caminhos de seu trabalho

artístico. É uma travessia entre lembranças íntimas e reflexões políticas, imersas na própria confusão.

O espetáculo se divide em dois momentos. O primeiro é um monólogo que costura experiências pessoais a vivências de mulheres de várias gerações. No segundo ato, Julia recebe uma atriz diferente a cada sessão para um encontro que cria um espaço de diálogo vivo entre as artistas. Participam desta temporada Marcia Torres, Tássia Leite, Maria Lucas, Moira Braga, Mariana Menezes, Yohama Eshima, Isabelle Nassar, Estrela Straus, Talita Baldin, Gabriela Checchia, Miwa Yanagizawa, Helena Varvaki, Tainá Bevilacqua, Ilunga Malanda, Carolina Ferman e Liliane Rovaris. Cada apresentação tem, assim, um desfecho único — o que transforma a experiência de ir ao teatro em algo próximo ao encontro, onde o diálogo entre as artistas redefine a narrativa a cada noite.

A pesquisa que fundamenta a peça questiona quais estruturas de acolhimento e suporte existem — ou faltam — para mulheres artistas que são mães. Não é apenas uma reflexão teórica: é uma investigação sobre as condições materiais de permanência no campo das artes, um tema que ganha urgência em um contexto onde a precariedade é regra para a maioria dos criadores.

## SERVIÇO

### AINDA VOU SONHAR TUDO DE NOVO

(Teatro 2 do Sesc Tijuca — Rua Barão de Mesquita, 539)

Até 19/4, de quinta a sábado (19h) e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 21 (associado Sesc), R\$ 27 (convênios) e gratuito (PCG)

## NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Pedro Miceli/Divulgação



### Heranças paternas

Os comediantes Bruno Mazzeo e Lucio Mauro Filho juntam memórias em “Gostava Mais Dos Pais” no Teatro Riachuelo Rio até domingo (5). O espetáculo aborda temas contemporâneos como humor, era digital e cultura do cancelamento. Os atores interpretam múltiplos personagens, explorando a busca por relevância e identidade na era digital, além de homenagear Chico Anysio e Lucio Mauro. A peça reflete sobre o peso da herança paterna sobre seus descendentes e a instantaneidade das viralizações.

Vera Donato/Divulgação



### A entrevista decisiva

Rosamaria Murtinho está em “Uma Vida Em Cores” no Teatro I Love Prio. Em cartaz até domingo (5), o espetáculo retrata uma personagem inspirada em Iris Apfel. Em cena, o encontro entre uma mulher experiente, irreverente e cheia de histórias para contar — inspirada em Iris — e uma jovem jornalista, estagiária da Vogue americana, que recebe a missão de entrevistá-la. A matéria é um teste decisivo: dela depende a chance de conquistar um estágio e, quem sabe, dar os primeiros passos rumo ao sonho de se tornar editora da revista.

João Júlio Mello/Divulgação



### Ter ou não ter (filhos)?

A tragicomédia “Pulmões”, de Duncan Macmillan, pode ser vista até domingo (5), quando encerra temporada no Teatro Fashion Mall. Com direção de Miwa Yanagizawa e adaptação de Diego Teza, a peça aborda o dilema de um casal que se pergunta se são pessoas boas o suficiente para terem filhos. Avaliam as próprias (segundo eles) qualidades: têm uma vida simples, gastam dinheiro com assinaturas de streaming, aluguel, fazem doações, votam, vão a manifestações, assistem filmes, reciclam e levam sacola retornável. Seria o suficiente?

## ENTREVISTA | JAMES VANDERBILT

CINEASTA E PRODUTOR

# 'Existem atores que oferecem talento e existem atores que, além do talento, oferecem ideias'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Indicado à Concha de Ouro do Festival de San Sebastián, "Nuremberg" fez seu diretor, o americano James Vanderbilt, subir de patamar (leia-se "prestígio") depois de faturar cerca de US\$ 60 milhões (cerca de seis vezes mais do que seu custo de produção) calcado na poética da retórica jurídica. Em seu segundo trabalho de direção, construído nas mesmas bases políticas de seu trabalho anterior ("Conspiração e Poder", de 2015), o prolífico produtor de "Zodíaco" (2007) dá ao público um gostinho de "cinemão", num espetáculo à moda clássica sobre o julgamento do líder nazista Hermann Göring (1893-1946).

A presença de um Russell Crowe afinado de brilhar catapultou às alturas o que poderia ser um thriller jurídico corriqueiro, com atuações inflamáveis de Richard E. Grant, Michael Shannon e Rami Malek, o Freddie Mercury de "Bohemian Rhapsody". O roteiro traz um diálogo fascinante após o outro.

Na entrevista a seguir, concedida em San Sebastián, Vanderbilt explica ao Correio da Manhã como foi reconstituir a plenária que condenou os súcubos de Hitler.

**Mesmo tendo a II Guerra e o tribunal de nazistas como pavimento real, "Nuremberg" é o que se pode chamar de "um filme de tribunal". O que esse filão simboliza?**

**James Vanderbilt-** A linha-gem de histórias que se passam em cortes judiciais mostra como a Justiça é importante, sobretudo neste momento em que algumas gerações ouvem falar de Nuremberg como se estivessem escutando um episódio da Guerra Civil, sem contextualizar, no tempo, o que houve. Eu tive avós que lutaram na II Guerra. Era importante honrar a memória deles com um filme que buscasse fazer diferença, tentando ser minimamente fiel ao que houve no passado. O coração da narrativa é ver o impacto daquele processo judicial em diferentes vidas. É menos uma biografia das pessoas ali retratadas e mais um estudo de caso, uma reflexão sobre dilemas éticos e morais. A curiosidade foi notar que cortes são espaços pequenos. Fazer delas o eixo de um set significa confiar a narrativa à força dos atores.

**A adesão a uma narrativa mais clássica é uma consequência desse seu respeito ao passado?**

Eu trabalhei com um roteiro

que chegava a ter 20 páginas só de diálogo, o que me impôs rodar takes de até 25 minutos, buscando verossimilhança na ação. Para dar conta disso, eu precisava da habilidade de um diretor de fotografia que estivesse acostumado a trabalhar com pressão, como é o grande Dariusz Wolski, um parceiro habitual de Ridley Scott. Ele é um artista que olha para o set com curiosidade e sabe ser um parceiro generoso. Só ele poderia me dar um 360° como o de Stanley Kramer em "Julgamento em Nuremberg".

**Esse sucesso de 1961, hoje clássico, foi uma inspiração para você de que forma?**

"Julgamento em Nuremberg" é um dos meus filmes favoritos, determinante não só por seus grandes atores, mas pela forma como retratar uma corte. Eu usei muito a transcrição do julgamento real. O personagem do Michael Shannon, por exemplo, foi estruturado a partir de um depoimento real de quase três horas.

**O desempenho de Russell Crowe em cena é um dos mais radicais de sua carreira, desde "Gladiator". Como foi domar um ator conhecido por seu temperamento difícil?**



Alex Abril/SSIFF

**“Eu trabalhei com um roteiro que chegava a ter 20 páginas só de diálogo, o que me impôs rodar takes de até 25 minutos, buscando verossimilhança na ação”**

A produção gravitou aqui e ali, na busca por recursos, mas Russell sempre esteve ao meu lado. Ele sempre o ponto crítico do projeto, pois eu só conseguiria levantar o filme se tivesse alguém fervorosamente carismático

como ele em cena. Com o brilho que tem, ele se dedicou ao personagem com retidão, sabendo que não era uma tarefa fácil encarnar a figura nazista que ele interpreta. Com ele e Rami em cena, eu tinha dois ganhadores de Oscar

que têm muito a dizer. Existem atores que te oferecem talento e existem ator que, além do talento, oferecem ideias boas. Russell é um deles. Trouxe sugestões, mas modificou pouco o roteiro que eu apresentei.

**Você entrega às plateias um thriller tenso. Qual é o desafio de imprimir suspense numa trama que se calca na palavra?**

Cada oficial e cada jurista em cena é um universo em si, com convicções das mais variadas. São mundos paralelos que colidem. Para isso funcionar, eu contei com um montador que soubesse imprimir leveza em situações enervantes, de modo a buscar o lado humano de quem está na tela. Trouxe Tom Eagles, que editou "Jojo Rabbit", para essa tarefa, pela experiência que tem.



Filmes do Estação

'A Cronologia da Água' é uma história sobre a superação de abusos que estreou em Cannes

# 'Crepúsculo'

## foi só o começo

Celebrizada como Bella na saga de vampiros e lobisomens que acaba de reestrear, Kristen Stewart aposta na direção ao se firmar como cineasta em 'A Cronologia da Água'

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**R**eprises de "Crepúsculo" ("Twilight", 2008), hoje em circuito, geram perplexidade em relação ao destino de suas estrelas. Taylor Lautner, o lobisomem Jacob, afastou-se das telas por um bom tempo, e só regressou em 2022, para participar de "Time do Coração". Anda mais preocupado em cuidar de sua família do que em atuar. Já Robert Pattinson, o vampiro Edward, virou um dos maiores astros de nosso tempo, adorado por diretores de alto quilate autoral de diferentes países, como o canadense David Cronenberg, o sul-coreano Bong Joon Ho e o inglês Christopher Nolan, com quem trabalhou em "Tenet" (2020) e no esperado "A Odisseia", que estreia em julho.



Fotos/Divulgação

A atriz em cena de 'Na Estrada', de Walter Salles, lançado em 2012



Kristen Stewart nos sets, em sua estreia como cineasta

Além disso, vai estar em "Duna: Parte 3", de Denis Villeneuve.

Não bastasse isso tudo, o ator, que voltará ao circuito, a partir do dia 9, ao lado de Zendaya, em "O Drama", ainda virou o atual Batman, na fase Matt Reeves - diretor que repaginou o Homem-Morcego nas telas. Kristen Stewart, a Bella Swan, por sua vez, refutou o cargo de Meg Ryan do século XXI e optou por um caminho mais ousado. A opção por parcerias com cineastas autorais,

como o já citado Cronenberg (em "Crimes of the Future"), Olivier Assayas (em "Personal Shopper") e até Walter Salles (que a dirigiu em "Na Estrada"), tornou-se a escolha primordial da atriz, hoje com 35 anos. Ela fez "Spencer" (2022), sobre Lady Di, com o chileno Pablo Larraín, em 2021, e acabou por ser indicada ao Oscar por seu trabalho.

Não levou a estatueta, mas, em 2023, teve a consagração que faltava: assumiu a presidência do júri da

“Estou pronta para tudo, mas me identifico com as escolhas de risco”

**KRISTEN STEWART**



Bella e Edward em 'Crepúsculo' (2008), que acaba de reestrear

Berlinal... e fez jus ao histórico de coragem que tem ao deixar a ficção de lado e conferir o Urso de Ouro a um documentário, "No Adamant". O caminho que lhe faltava era dirigir longas. Essa tarefa já pode ser tida em sua lista de projetos pessoais, com a estreia, nesta quinta-feira, de "A Cronologia da Água".

"Estou pronta para tudo, mas me identifico com as escolhas de risco", disse a atriz ao Correio da Manhã quando passou por Berlim, em

2024, com "Love Lies Bleeding – O Amor Sangra", um de seus maiores cults, lançado quando preparava sua estreia como realizadora.

Exibido na competição pelo Prix Un Certain Regard do Festival de Cannes, em 2025, "The Chronology of Water" é baseado nas memórias da escritora Lidia Yuknavitch. O enredo investe numa recriação de diferentes momentos de sua vida, desde a infância, gravemente atravessada por violência doméstica, até a vida adulta, marcada por vícios, perdas e uma relação conflituosa com o próprio corpo. Vivida por Imogen Poots, em uma atuação amplamente celebrada pela crítica, Lidia é uma mulher em constante queda e reinvenção, que encontra na arte um caminho possível para reorganizar o caos, dar sentido à dor e recuperar o direito ao desejo. James Belushi (de "K-9") tem uma interpretação delicada ao lado dela, interpretando o escritor Ken Kesey (1935 –2001), autor de "Um Estranho No Ninho" (1962), filmado com Jack Nicholson em 1975.

Em vez de seguir a cartilha da cinebiografia tradicional, Kristen aposta em fragmentos, memórias e sensações, criando um retrato íntimo, físico e emocional de Lidia, usando película 16 milímetros, numa fotografia cheia de textura e uso intenso de closes.

"Sinto ter chegado num momento em que estou pronta para tudo, embora eu me identifique mais com as escolhas de risco, com papéis que fogem das normas", disse Kristen na passagem pelo Festival de Veneza com "Seberg", em 2019, no papel da atriz Jean Seberg (1938-1979), em um drama biográfico dirigido por Benedict Andrews.

Quando "A Saga Crepúsculo" havia encerrou sua franquia, em 2012, Kristen foi para a França, onde filmou "Acima das nuvens" (2014) com Juliette Binoche, sob a direção de Olivier Assayas. "Na França, os diretores se arriscam mais, o que se afina com o meu jeito de estar no cinema", disse a estrela, que acaba de filmar sob a direção de sua companheira, Dylan Meyer, o longa "As Garotas Erradas", sobre uma droga que gera telepatia.

Acredita-se que Kristen volte a Cannes, em maio, com "Full Phil", de Quentin Dupieux, ao lado de Woody Harrelson. Na trama, a viagem de um rico industrial americano a Paris, com sua filha distante Madeleine, dá errado quando comida francesa, um filme de terror vintage e um funcionário de hotel intrometido interferem em seus planos.

Duas outras atrizes acostumadas a arriscar, assim como Kristen, estrearam longas de 2025 para cá: Maggie Gyllenhaal fez "A Noiva!" e Scarlett Johansson dirigiu "A Incrível Eleanor". No Brasil, um caso similar se deu com Barbara Paz, que vai lançar em breve o documentário "Rua do Pescador nº 6", projeto que filmou com base nas tormentas no Rio Grande do Sul.



A exposição reúne mais de 160 itens, entre rascunhos, partituras originais, roteiros, objetos pessoais, cartas, fotografias, indumentárias, agendas manuscritas e documentos históricos

# Grande Othelo, presente!

Funarte inaugura nova sede do Centro de Documentação e Pesquisa com exposição sobre o ator que abriu caminhos para artistas negros no teatro, rádio, cinema e TV

**AFFONSO NUNES**

A Funarte inaugura nesta terça-feira (31) a nova sede de seu Centro de Documentação e Pesquisa (Cedoc) em um casarão histórico na Praça da República — o mesmo imóvel que abrigou o Museu da Casa da Moeda. O evento marca a instalação permanente de um acervo com mais de 1 milhão de itens que documentam a memória das artes brasileiras, além do lançamento da exposição “Ocupação Grande Othelo”, que celebra os 110 anos de nascimento do ator que foi o primeiro negro a ocupar lugar de destaque simultâneo no teatro, rádio, cinema e televisão do Brasil.

A criação do Cedoc em sede própria representa mudança significativa na estrutura da Funarte, que em 2025 criou a Diretoria de Memória, Pesquisa e Produção de Conteúdos (Dinemo). Sob a



Grande Othelo e Oscarito em foto de divulgação do filme “Dupla do Barulho” (1953), com direção de Carlos Manga



Grande Othelo no filme “Moleque Tião” (1943)



Grande Othelo em ensaio fotográfico nos anos 1940

salvaguarda do centro estão acervos de importância fundamental para a história das artes brasileiras, incluindo três coleções registradas no Programa Memória do Mundo da Unesco: os papéis do dramaturgo Oduvaldo Vianna

(1892-1972), do produtor Walter Pinto (1913-1994) e do pesquisador Fernando Peixoto (1937-2012). Desde 2008, o CEDOC guarda também o acervo pessoal de Grande Othelo (1915-1993).

A ocupação é fruto de parceria



Grande Othelo foi personagem marcante das artes cênicas brasileiras



Grande Othelo presta homenagem ao artista circense Benjamim de Oliveira (1870-1954), o primeiro palhaço negro na história brasileira



Grande Othelo em 1927 na Companhia Negra de Revistas

entre Funarte e Itaú Cultural, que apresentou a mostra em São Paulo entre dezembro e março. Agora se instala permanentemente no Cedoc, com curadoria do Itaú Cultural, consultoria da pesquisadora Deise de Brito e projeto expográfico de Kleber Montanheiro.

O espaço reúne mais de 160 itens: rascunhos e poemas completos como “Cadê você, Gonzagão?”, escrito em homenagem a Luiz Gonzaga; partituras originais dos anos 1940; roteiros; objetos pessoais; cartas; fotografias; indumentárias; agendas manuscritas; documentos históricos como contrato com a Rede Globo de 1967 e diploma de cidadão paulistano de 1978; além de troféus como o Velho Guerreiro, oferecido por Chacrinha.

Grande Othelo representa capítulo crucial da história cultural

brasileira. Com talento, humor e sagacidade, abriu caminhos nas artes para artistas negros e pautou discussões importantes sobre direitos e representatividade em período em que essas questões eram marginalizadas. Sua presença transcendeu as fronteiras nacionais, conquistando reconhecimento internacional e consolidando seu lugar como figura fundamental na construção de uma cultura brasileira mais inclusiva.

## SERVIÇO OCUPAÇÃO GRANDE OTHELO

CEDOC Funarte (Praça da República, 26, Centro)  
De 31/3 a 30/9\*, de segunda a sexta (10h às 16h)  
Entrada franca  
\*Visitas guiadas a partir de maio para escolas através do Programa Educativo Cedoc